



CURSO DE PSICOLOGIA

HELOYSA SOUZA DE SALES

**PADRÕES DE REPETIÇÕES EM RELACIONAMENTOS DE
MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

**Sinop/MT
2026**

CURSO DE PSICOLOGIA

HELOYSA SOUZA DE SALES

**PADRÕES DE REPETIÇÕES EM RELACIONAMENTOS DE
MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado à Banca Avaliadora do
Departamento de Psicologia, do
Centro Universitário Fasipe –
UNIFASIPE FAS, como requisito para
a obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Poliana
Freitas

HELOYSA SOUZA DE SALES

**PADRÕES DE REPETIÇÕES EM RELACIONAMENTOS DE
MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Psicologia, do Centro Universitário Fasipe – UNIFASIPE FAS, de Sinop, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em _____/_____/_____

Prof^a Me. Poliana de Lima Freitas
Professora Orientadora
Departamento de Psicologia – UNIFASIPE

Professor(a) Avaliador(a)
Departamento de Psicologia –UNIFASIPE FAS

Professor(a) Avaliador(a)
Departamento de Psicologia –UNIFASIPE FAS

Prof^a Esp. Ana Paula César
Coordenadora do Curso de Psicologia
UNIFASIPE FAS – Centro Universitário de Sinop

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais.

À minha mãe, professora, que por meio do seu exemplo me ensinou o valor da educação, da dedicação e da busca constante pelo conhecimento. Foi com quem aprendi a importância de fazer perguntas e nunca deixar de buscar respostas.

Ao meu pai, que enfrentou batalhas que eu nem sempre vi para que eu pudesse chegar até aqui, sempre me mostrando que o estudo era o melhor caminho, mesmo sem ter tido a mesma oportunidade.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, agradeço a Deus, que me sustentou, fortaleceu e guiou ao longo desta caminhada, concedendo-me sabedoria e perseverança para superar os desafios encontrados até aqui;

Agradeço à minha orientadora, Poliana, pela dedicação, orientação e pelos conhecimentos compartilhados ao longo deste percurso;

Aos docentes que contribuíram para minha formação acadêmica, meu sincero reconhecimento;

À minha amiga Isadora, pela amizade que levarei para a vida;

Ao meu companheiro de vida, Yan Gustavo, pelo amor, apoio, incentivo e compreensão durante toda esta caminhada;

Aos meus irmãos, Rafael e Gabriel, e aos meus amigos, Gabriela, Ancelmo e Maria Eduarda, que, mesmo distantes, sempre se fizeram presentes;

À minha tia Dayane e ao meu tio Felipe, pelo carinho, apoio e incentivo em todos os momentos.

EPÍGRAFE

“Se é difícil carregar a solidão, mais difícil
ainda é carregar uma companhia.”

Lygia Fagundes Telles

SOUZA, Heloysa de Sales. Os padrões de repetição em relacionamentos de mulheres vítimas de violência doméstica. 2026. 49 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Universitário Fasipe – UNIFASIPE FAS.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar os aspectos psíquicos, sociais e culturais que influenciam a repetição de relacionamentos abusivos a partir da perspectiva psicanalítica. Partiu-se da constatação de que a violência doméstica, em suas múltiplas expressões, permanece como uma problemática de grande relevância social, especialmente no contexto brasileiro, onde os índices de agressões contra mulheres e feminicídios seguem alarmantes. Apesar da existência de políticas públicas e marcos legais de proteção, observou-se que muitas mulheres permanecem ou voltam a se envolver em relacionamentos marcados por dinâmicas semelhantes de violência, o que evidencia a necessidade de compreender os fatores subjetivos e socioculturais envolvidos nesse fenômeno. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, fundamentada na análise crítica de artigos científicos, livros, dissertações, teses e dados estatísticos provenientes de relatórios e documentos oficiais sobre violência contra a mulher, publicados predominantemente entre os anos de 2002 e 2026, além de obras clássicas consideradas fundamentais para a compreensão dos conceitos psicanalíticos e socioculturais abordados. As buscas foram realizadas nas bases de dados SciELO, PePSIC, ResearchGate e em repositórios institucionais de universidades brasileiras, utilizando os descritores: violência doméstica, relacionamentos abusivos, violência contra a mulher, Psicanálise, compulsão à repetição e dependência emocional. Os resultados do levantamento bibliográfico indicaram que a repetição de relacionamentos abusivos esteve relacionada à articulação entre experiências construídas nas relações familiares iniciais, modelos relacionais internalizados, dependência emocional, naturalização da violência, mecanismos de defesa inconscientes, processos transferenciais e compulsão à repetição. Concluiu-se que a compreensão desses elementos sob a ótica psicanalítica possibilitou identificar fatores subjetivos envolvidos na manutenção de padrões afetivos disfuncionais, contribuindo para uma compreensão mais ampla do fenômeno e para o fortalecimento de estratégias de acolhimento, prevenção e enfrentamento da violência contra a mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; relacionamentos abusivos; repetição; violência doméstica.

SOUZA, Heloysa de Sales. Patterns of Repetition in Relationships of Women Victims of Domestic Violence. 2026. 49 p. Undergraduate Thesis – Centro Universitário Fasipe – UNIFASIPE FAS.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the psychological, social, and cultural aspects that influence the repetition of abusive relationships from a psychoanalytic perspective. The research was based on the understanding that domestic violence, in its multiple forms, remains a highly relevant social issue, especially in Brazil, where rates of violence against women and femicide continue to be alarming. Despite the existence of public policies and legal frameworks designed to protect women, it was observed that many women remain in or return to relationships characterized by similar patterns of violence, highlighting the need to understand the subjective and sociocultural factors involved in this phenomenon. This qualitative bibliographic study was based on the critical analysis of scientific articles, books, dissertations, theses, and statistical data from official reports and documents on violence against women, predominantly published between 2002 and 2026, in addition to classical works considered fundamental for understanding the psychoanalytic and sociocultural concepts addressed. Searches were conducted in the SciELO, PePSIC, and ResearchGate databases, as well as in institutional repositories of Brazilian universities, using the descriptors: domestic violence, abusive relationships, violence against women, psychoanalysis, repetition compulsion, and emotional dependence. The results indicated that the repetition of abusive relationships was associated with experiences developed in early family relationships, internalized relational models, emotional dependence, the normalization of violence, unconscious defense mechanisms, transference processes, and repetition compulsion. It was concluded that understanding these elements from a psychoanalytic perspective made it possible to identify subjective factors involved in the maintenance of dysfunctional affective patterns, contributing to a broader understanding of the phenomenon and to the strengthening of strategies for welcoming, prevention, and combating violence against women.

KEYWORDS: Psychoanalysis; abusive relationships; repetition; domestic violence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Problematização.....	11
1.2 Justificativa.....	12
1.3 Objetivos.....	13
1.3.1 Geral.....	13
1.3.2 Específicos	13
1.4 Procedimentos Metodológicos	13
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1 Relacionamentos amorosos e seus perfis na contemporaneidade.....	15
2.2 Violência de Gênero: conceitos, marcos Legais e dinâmicas relacionais	16
2.2.1 Raízes históricas e familiares dos relacionamentos abusivos	18
2.2.2 Influência familiar e modelos parentais na formação psíquica	20
2.2.3 Aspectos psicossociais da violência em relacionamentos	21
2.3 Psicanálise e a repetição de padrões em relacionamentos abusivos	22
2.3.1 Masoquismo e suas expressões na teoria freudiana.....	24
2.3.2 Transferência e escolha amorosa.....	26
2.3.3 Mecanismo de defesa e estratégia inconscientes para lidar com a violência.....	27
2.3.4 Compulsão à repetição.....	29
2.3.4.1 Contribuições da Psicanálise para a compreensão da compulsão à repetição.....	31
2.3.4.2 Repetições de padrões em relacionamentos no contexto da violência doméstica.....	32
2.3.4.3 Manejo clínico psicanalítico.....	33
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

O conceito de relacionamento abusivo é caracterizado pela manifestação repetitiva de violência, em suas diversas formas, que se normaliza ao longo do tempo. Essa dinâmica busca estabelecer um controle coercitivo e uma submissão profunda da vítima. A experiência de cada indivíduo nesse tipo de relação é única, influenciada tanto pela natureza do vínculo entre agressor e vítima quanto pela percepção individual sobre o que constitui violência (Souza; Costa, 2019).

A relevância desse tema é evidenciada pelos dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024), que reporta um total alarmante de 1.492 casos de feminicídio no Brasil em 2024, refletindo um aumento de 1% em relação ao ano anterior. Este cenário revela a continuidade da violência de gênero no país, que persiste apesar das iniciativas de políticas públicas para combatê-la. As mulheres negras constituem a maior parte das vítimas, representando 63,6% dos casos, e a maioria desses crimes ocorre no âmbito doméstico, evidenciando a intimidade e a gravidade da violência.

Os agressores são, em grande parte, parceiros ou ex-parceiros, o que destaca a urgência de estratégias eficazes no combate à violência doméstica e na implementação de medidas protetivas voltadas às mulheres em situação de risco. (Jesus; Alves, 2025) abordam a complexidade dessa violência, que se manifesta, além da física, na forma psicológica, frequentemente invisível, mas devastadora ao emocional da mulher, corroendo sua autoestima e saúde mental (Lima; Rodrigues, 2022).

Esse tipo de violência pode criar um ciclo vicioso de abuso que se torna cada vez mais normalizado, dificultando a ruptura da vítima com o agressor (Jesus; Alves, 2025). Oliveira *et al.* (2025) ressaltam que a repetição desses episódios frequentemente passa despercebida pela sociedade, dificultando o reconhecimento da gravidade da situação pelas mulheres. Ademais, Machado e Lourenço (2017) alertam que a normalização da violência psicológica pode desencorajar as vítimas a buscar ajuda, perpetuando seu sofrimento.

A sociedade frequentemente dirige o olhar para a vítima, desconsiderando a complexidade das circunstâncias que moldam suas decisões e limitam suas alternativas, em desrespeito às dimensões sociais, culturais e simbólicas que

permeiam essas experiências (Minayo, 2006). Os impactos da violência doméstica na saúde física e mental das mulheres são profundos e duradouros, e ainda há uma escassez de estudos que investiguem como esses fatores influenciam a escolha de novas parcerias que podem apresentar padrões de comportamento agressivo semelhantes (Pereira *et al.*, 2018).

Portanto, a abordagem dos aspectos psicológicos e a análise da repetição de relacionamentos abusivos entre mulheres, na perspectiva psicanalítica, permitem uma compreensão mais ampla do fenômeno, considerando elementos históricos, culturais e sociais (Souza; Costa, 2019). As investigações no campo da Psicanálise visam desvelar a complexidade do eu e os aspectos subjetivos do inconsciente (Santos, 2013).

1.1 Problemática

Apesar da promulgação de diversas leis e políticas públicas voltadas à proteção das mulheres, a violência doméstica continua a ser uma realidade alarmante. Este fenômeno não ocorre de forma isolada; caracteriza-se por ciclos contínuos que deixam marcas físicas e psicológicas nas vítimas. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), uma em cada três mulheres, globalmente, já enfrentou algum tipo de violência, sendo a maioria dos agressores seus próprios parceiros.

No Brasil, a situação é ainda mais grave, com mais de 230 mil registros de violência doméstica em 2022. Os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2024) indicam que a violência contra a mulher é a mais prevalente entre esses casos. No entanto, as estatísticas frequentemente não conseguem captar a profundidade do impacto emocional e psicológico da violência doméstica. Embora a violência física seja visível, o abuso psicológico e emocional, muitas vezes invisível, tende a ser ainda mais prejudicial, causando efeitos de longo prazo nas vítimas.

Mulheres em situações de violência podem desenvolver problemas graves, como baixa autoestima, ansiedade e depressão, sentindo-se incapazes de mudar sua realidade devido aos danos invisíveis provocados por esses abusos (Machado *et al.*, 2020). Esses efeitos se perpetuam, tornando-se um fardo que, muitas vezes, persiste longamente após o término do abuso físico.

Além disso, a análise dos dados estaduais revela que Mato Grosso se destaca

com alarmantes taxas de violência doméstica, liderando o país em 2022, conforme o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023). Esses números, embora representem a magnitude do problema, também contam histórias de sofrimento, medo e silêncio que vão além das estatísticas. O dano psicológico causado pela violência doméstica é difícil de quantificar, mas continua a impactar profundamente a vida das mulheres, mesmo após os episódios de agressão (Silva *et al.*, 2022).

Ademais, um desafio significativo consiste em entender por que muitas mulheres, mesmo após vivências traumáticas, acabam se envolvendo novamente em relacionamentos abusivos. Fatores como dependência emocional, a normalização do abuso e a falta de alternativas viáveis contribuem para a permanência dessas mulheres nesse ciclo de violência (Gomes, 2018). A sensação de impotência dificulta a ruptura desse ciclo, levando à repetição de padrões abusivos (Pereira, 2021).

Diante desse cenário, surge uma questão crucial: quais fatores, segundo a Psicanálise, contribuem para que as mulheres continuem se envolvendo em relacionamentos que reproduzem os mesmos padrões de abuso, mesmo após experiências traumáticas?

1.2 Justificativa

Este estudo se justifica pela necessidade de compreender mais profundamente a violência contra a mulher e os fatores que contribuem para a repetição de relacionamentos abusivos. A violência doméstica é um fenômeno multifacetado que se manifesta de diversas formas, incluindo a violência física, psicológica, sexual e patrimonial. Apesar de seus impactos significativos na saúde física e mental das vítimas, existe uma escassez de pesquisas que investiguem as razões pelas quais algumas mulheres se envolvem repetidamente em relações com comportamentos agressivos (Batista *et al.*, 2021).

A importância de entender o sujeito em sua concepção familiar, histórica e social é ressaltada por Melo e Pederiva (2016), destacando que essa compreensão é crucial para desvendar os fatores que sustentam a permanência em relacionamentos abusivos. A persistência em tais relacionamentos é uma questão de extrema preocupação, pois resulta em transtornos emocionais, físicos e sociais graves.

Compreender esses fatores é fundamental para direcionar políticas de prevenção, estruturar estratégias de apoio psicológico, ampliar a produção científica e aprimorar as abordagens da Psicologia. Esse processo não apenas favorece a

ressignificação das experiências de mulheres em relacionamentos abusivos, mas também contribui para intervenções voltadas à proteção e à autonomia feminina, além de fomentar a conscientização social sobre a complexidade da violência doméstica.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Analisar os aspectos psíquicos que influenciam a repetição de relacionamentos abusivos sob a perspectiva psicanalítica.

1.3.2 Específicos

- Discorrer sobre os elementos sociais que motivam a repetição de relacionamentos abusivos;
- Descrever os impactos sofridos pelas mulheres em situação de sucessivos relacionamentos abusivos;
- Examinar os fatores que contribuem para a dificuldade de romper o ciclo de abuso.

1.4 Procedimentos Metodológicos

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica exploratória, com abordagem qualitativa, com o objetivo de investigar os padrões de repetição em relacionamentos de mulheres vítimas de violência doméstica. A pesquisa seguiu a estrutura proposta por Gil (2008), que caracteriza a revisão bibliográfica como um estudo fundamentado em materiais já publicados, como artigos científicos, livros, dissertações e teses, a partir dos quais é possível identificar avanços, contradições e lacunas na produção acadêmica existente.

A análise qualitativa foi adotada por possibilitar uma compreensão mais profunda das dinâmicas emocionais e psicológicas envolvidas na repetição de padrões abusivos, aspectos que não podem ser plenamente captados por métodos quantitativos (Gil, 2008). O levantamento bibliográfico contemplou obras publicadas entre 2002 e 2026, recorte estabelecido devido ao aumento significativo de estudos sobre violência doméstica a partir do início dos anos 2000, incluindo produções clássicas e pesquisas recentes que permanecem teórica e metodologicamente relevantes para a compreensão do fenômeno. Esse período também permitiu incluir

contribuições fundamentais de autores como Bauman (2004), cuja obra discute transformações nas relações afetivas, e Freud (1914), essencial para o entendimento dos processos psíquicos envolvidos na repetição.

As buscas foram realizadas em bases de dados acadêmicas como SciELO, ResearchGate e PePSIC, além de repositórios institucionais de universidades brasileiras. Os critérios de inclusão abrangeram pertinência temática, relevância teórica, qualidade metodológica e relação direta com a violência doméstica ou com a repetição de padrões abusivos. Foram excluídos estudos que não abordavam diretamente o fenômeno investigado ou que apresentavam amostras muito reduzidas, sem sustentação conceitual adequada.

Este estudo também incorporou textos clássicos, como Bauman (2004) e Freud (1914), por sua importância para a fundamentação teórica e para a compreensão dos aspectos psíquicos e sociais que atravessam os vínculos abusivos, estabelecendo um diálogo entre as produções históricas e as pesquisas contemporâneas que compõem o período analisado (Gil, 2008).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Relacionamentos amorosos e seus perfis na contemporaneidade

Os relacionamentos humanos constituem vínculos construídos a partir da interação, comunicação e compartilhamento de sentimentos e experiências, sendo essenciais para o desenvolvimento afetivo, social e psicológico do indivíduo (Lathren *et al.*, 2021). Desde a infância, o sujeito estabelece laços que contribuem para a construção da identidade e para o fortalecimento do senso de pertencimento, tornando os relacionamentos fundamentais para o bem-estar emocional e social (Cacioppo; Patrick, 2008).

As relações podem ser compreendidas a partir de diferentes categorias. De acordo com Liao *et al.* (2024), os vínculos familiares representam a primeira forma de relacionamento do indivíduo, envolvendo relações com pais, irmãos e demais familiares, responsáveis por promover segurança emocional e formação de valores. As amizades, por sua vez, são caracterizadas pela confiança, empatia e apoio mútuo, contribuindo de maneira significativa para a saúde emocional (Lin *et al.*, 2024). Já os relacionamentos profissionais são constituídos no ambiente de estudo e trabalho, baseando-se na cooperação, comunicação e objetivos compartilhados (Backhaus *et al.*, 2024).

Além disso, os relacionamentos sociais abrangem as interações que ocorrem no contexto comunitário e cultural, permitindo a integração social e o desenvolvimento de habilidades comunicativas (Mattingly *et al.*, 2020).

Entre os diferentes tipos de vínculos estabelecidos, os relacionamentos amorosos ocupam um espaço significativo na construção subjetiva, por envolverem afetividade, intimidade e expectativas compartilhadas entre os parceiros (Cassepp-Borges; Teodoro, 2009). No entanto, pesquisas indicam que, nas últimas décadas, os relacionamentos amorosos passaram por transformações profundas, influenciadas por mudanças socioculturais, pelo avanço tecnológico e pela modificação das dinâmicas sociais (Reis; Almeida, 2018). Essas mudanças impactam diretamente a maneira como os vínculos afetivos são formados e vivenciados, tornando-os mais imediatos, instáveis e suscetíveis ao rompimento precoce.

Nesse contexto, Bauman (2004) discute que a sociedade contemporânea vive sob a lógica da modernidade líquida, caracterizada pela fluidez das relações, pela

fragilidade dos vínculos e pela dificuldade de manter laços afetivos duradouros. Segundo o autor, as relações tornam-se mais descartáveis e guiadas pela busca de satisfação rápida, dificultando o enfrentamento de frustrações e a construção de compromissos mais sólidos. Assim, os relacionamentos amorosos se desenvolvem em um cenário de insegurança afetiva, no qual o medo da estabilidade e da vulnerabilidade emocional favorece a superficialidade e a constante substituição de parceiros. Segundo Smeha e Oliveira (2013), muitos jovens adultos vivenciam relações intensas e passageiras, orientadas pelo desejo de satisfação imediata e pela dificuldade em estabelecer vínculos profundos.

Essas transformações nas formas de se relacionar têm repercutido diretamente na qualidade dos vínculos amorosos, tornando-os mais frágeis e vulneráveis à instabilidade emocional. Estudos apontam que, atualmente, muitos relacionamentos são construídos sobre bases superficiais, sendo influenciados por ideais idealizados e conduzidos por expectativas irreais, o que favorece relações voláteis e marcadas pela efemeridade (Reis; Almeida, 2018). Além disso, pesquisas evidenciam que a influência da cibercultura e dos padrões disseminados nas mídias digitais intensifica a insegurança emocional, a comparação constante e a repetição de padrões afetivos disfuncionais, contribuindo para vivências permeadas por frustração e sofrimento (Macedo, 2023).

2.2 Violência de Gênero: conceitos, marcos Legais e dinâmicas relacionais

A violência é um fenômeno construído historicamente e atravessa diferentes contextos sociais, assumindo múltiplas expressões que variam conforme fatores culturais, políticos e econômicos. Conforme Minayo (2006), trata-se de uma produção social resultante das relações humanas e das estruturas de poder que organizam a sociedade, refletindo desigualdades e formas simbólicas de dominação. Assim, compreender a violência implica ultrapassar o entendimento limitado ao ato físico, reconhecendo-a como parte de uma lógica social que naturaliza opressões.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2002), a violência corresponde ao uso intencional de força física ou poder, em forma de ameaça ou ação, contra si, outra pessoa ou grupo, podendo gerar lesões, morte, danos psicológicos, prejuízos no desenvolvimento ou privação. Essa definição amplia a compreensão do fenômeno ao incluir dimensões subjetivas e simbólicas, e não apenas os danos físicos evidentes.

No contexto brasileiro, a violência é fortemente marcada por desigualdades

estruturais, especialmente de gênero. Saffioti (2004) explica que a violência de gênero é sustentada pelo sistema patriarcal, que legitima a superioridade masculina e a submissão feminina. Esse cenário é reforçado por fatores socioculturais que naturalizam comportamentos abusivos e dificultam o reconhecimento da violência. Nessa mesma direção, Minayo (2006) evidencia que os estereótipos de gênero e o machismo instauram relações hierárquicas que favorecem o controle masculino e a vulnerabilidade feminina.

O enfrentamento da violência de gênero no Brasil adquiriu maior centralidade a partir da criação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), que representou um avanço significativo na proteção dos direitos das mulheres. Esse marco legal reconheceu a complexidade da violência doméstica e instituiu medidas de prevenção, proteção e responsabilização do agressor (Brasil, 2006). Mais recentemente, a Lei nº 14.550/2023 ampliou a legislação ao permitir a concessão de medidas protetivas de urgência independentemente da tipificação penal ou da existência de inquérito policial, reforçando o caráter preventivo da lei (Brasil, 2023). O Superior Tribunal de Justiça (STJ, 2024) também consolidou o entendimento de que tais medidas não devem possuir prazo determinado, garantindo maior segurança às vítimas.

A Lei Maria da Penha estabelece, ainda, cinco formas de violência contra a mulher no âmbito doméstico e familiar: física, psicológica, sexual, moral e patrimonial (Brasil, 2006; Brasil, 2023). Além das diferentes formas de manifestação da violência, os dados estatísticos evidenciam a gravidade do problema no Brasil. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2026), só em 2025, foram 1.568 mulheres vítimas de feminicídio no Brasil, crescimento de 4,7% em relação ao ano anterior.

Os dados também indicam que grande parte das agressões é praticada por parceiros ou ex-parceiros, revelando a permanência de relações marcadas pelo controle, pela dominação e pela desigualdade de gênero (Cerqueira, 2025).

Indicadores recentes revelam a persistência da violência de gênero no país. Dados do Senado Federal (2024) mostram que 61% das mulheres percebem o Brasil como uma sociedade machista e 76% identificam crescimento nos casos de violência doméstica no último ano. Esses números apontam para um cenário de continuidade das desigualdades simbólicas e das práticas que sustentam a violência contra a mulher.

Segundo dados do Ligue 180, 31,8% das mulheres vítimas de violência relataram sofrer agressões diariamente, evidenciando o caráter contínuo e recorrente

da violência de gênero no Brasil (Brasil, 2026). No âmbito relacional, a violência costuma emergir ou se intensificar no contexto das relações íntimas, especialmente quando há término ou ameaças de rompimento. Souza *et al.* (2022) apontam que a violência é resultado de múltiplas determinações, envolvendo fatores sociais, subjetivos e culturais.

Para Santos e Oliveira (2021), tanto o agressor quanto a vítima tendem a reproduzir padrões aprendidos ao longo da vida, utilizando estratégias de controle e manipulação para suprir inseguranças internas, enquanto a vítima pode, por dependência emocional, acreditar que conseguirá transformar o comportamento do parceiro. De modo geral, a violência nos relacionamentos amorosos manifesta-se principalmente nas dimensões física, psicológica e sexual, as quais podem se desdobrar em variadas formas de abuso (Bini; Silva, 2023).

2.2.1 Raízes históricas e familiares dos relacionamentos abusivos

Os relacionamentos abusivos se caracterizam por vínculos marcados por práticas de dominação, controle e violação da integridade emocional ou física do parceiro. Conforme Souza e Costa (2019), tais relações se sustentam pela assimetria de poder e pelo processo de submissão de uma das partes, frequentemente mantido por laços afetivos que dificultam o rompimento do ciclo abusivo.

A violência nos relacionamentos abusivos manifesta-se de maneira dinâmica e repetitiva, marcada por ciclos de tensão, agressão e reconciliação que contribuem para a naturalização do sofrimento e para a permanência da vítima no vínculo afetivo. Conforme Souza, Lordello e Murta (2022), a alternância entre comportamentos violentos e demonstrações de afeto produz mecanismos de dependência emocional e esperança de mudança, dificultando o reconhecimento da violência e o rompimento da relação abusiva.

De acordo com Narvaz e Koller (2006), a construção da subjetividade feminina ocorre, historicamente, sob bases patriarcais que naturalizam a subordinação da mulher. As autoras destacam que, ao longo das gerações, houve uma transmissão de valores culturais que reforçam papéis de gênero desiguais, perpetuando a ideia de que mulheres devem ser resilientes frente ao sofrimento e manter a relação a qualquer custo. Nesse sentido, experiências de violência vivenciadas ainda no ambiente familiar, sejam elas físicas, emocionais ou simbólicas, favorecem a internalização de padrões de silêncio, obediência e tolerância ao abuso (Colossi *et al.*, 2015).

Além disso, Melo e Pederiva (2016) enfatizam que a permanência em relacionamentos abusivos não pode ser compreendida apenas pelo comportamento individual, mas a partir de um conjunto de fatores que envolvem o histórico familiar, o contexto sociocultural e os aspectos subjetivos de cada sujeito. Segundo os autores, a repetição de vínculos abusivos decorre, muitas vezes, de modelos internalizados que se constituem como formas “normais” de se relacionar, reproduzindo vínculos afetivos baseados em sofrimento, abandono emocional e dependência.

A dependência emocional também se apresenta como um fator relevante para a permanência em relações abusivas. Muitas vítimas desenvolvem medo da solidão, insegurança em relação ao futuro e sentimento de incapacidade de reconstruir a vida fora do relacionamento. Conforme Dias (2019), o agressor frequentemente utiliza mecanismos de manipulação afetiva e controle emocional para enfraquecer a autoestima da vítima, tornando o rompimento mais complexo e doloroso.

Segundo Colossi *et al.* (2015), os relacionamentos abusivos frequentemente têm origem em padrões aprendidos dentro da família, onde modelos de vínculos são construídos desde a infância. As autoras identificam que crianças expostas a contextos de violência conjugal tendem a reproduzir tais comportamentos na vida adulta, naturalizando relações marcadas por controle, insegurança e desvalorização emocional. Assim, a transmissão geracional da violência torna-se um elemento relevante para a compreensão da repetição desses vínculos, influenciando diretamente a forma como o sujeito compreende o amor, o cuidado e o espaço que ocupa na relação afetiva.

Atitudes como ciúme excessivo, controle sobre roupas, amizades e redes sociais são frequentemente interpretadas como demonstrações de cuidado ou amor, quando, na realidade, representam formas de controle e limitação da liberdade individual. Para Fonseca *et al.* (2012), a banalização dessas práticas dificulta o reconhecimento precoce da violência e favorece a manutenção de relações marcadas pela desigualdade e pelo sofrimento emocional.

Por sua vez, Norwood (2005) descreve o fenômeno denominado “síndrome de amar demais”, referindo-se a mulheres que permanecem em relações destrutivas, mesmo reconhecendo o sofrimento causado. Para a autora, experiências precoces de rejeição, negligência ou carência afetiva contribuem para que essas mulheres busquem validação emocional em parceiros que reproduzem padrões abusivos semelhantes aos vivenciados em sua infância.

Dessa forma, os relacionamentos abusivos devem ser compreendidos como fenômenos complexos, atravessados por fatores históricos, culturais, familiares e emocionais. A reprodução de padrões violentos ao longo das gerações, associada às desigualdades de gênero e à dependência afetiva, contribui para a permanência de vínculos marcados pelo controle, pela submissão e pela violação da autonomia feminina (Norwood, 2005). De acordo com o entendimento de Saffioti (2004), a violência de gênero encontra sustentação nas estruturas patriarcais que naturalizam relações hierárquicas e legitimam a dominação masculina sobre as mulheres. Nesse sentido, compreender essas dinâmicas torna-se fundamental para o fortalecimento de estratégias de prevenção, acolhimento e enfrentamento da violência nas relações afetivas.

2.2.2 Influência familiar e modelos parentais na formação psíquica

A família constitui o primeiro espaço de socialização e construção psíquica do sujeito. Desde a infância, por meio da convivência e das trocas emocionais com os principais cuidadores, a criança desenvolve modelos internos de funcionamento que orientam suas percepções sobre si mesma, sobre os outros e sobre o que esperar das relações interpessoais. Esses esquemas afetivos iniciais tornam-se fundamentais para a formação da personalidade e influenciam, ao longo da vida, a forma como o indivíduo estabelece e mantém seus relacionamentos (Pereira *et al.*, 2013).

A violência no contexto familiar tende a se reproduzir entre gerações, configurando um ciclo intergeracional em que indivíduos que hoje exercem o papel de agressores, muitas vezes, foram vítimas de práticas violentas durante a infância. Essa continuidade se sustenta por um processo de cronificação do abuso, especialmente nas relações familiares, como aponta Saffioti (1997).

A exposição contínua à violência durante a infância pode gerar consequências significativas para o desenvolvimento emocional e psicológico do indivíduo. Crianças inseridas em contextos familiares violentos frequentemente apresentam sentimentos de medo, insegurança, ansiedade e dificuldade na construção de vínculos afetivos saudáveis. Conforme Maldonado e Williams (2005), a convivência com práticas agressivas compromete o desenvolvimento da autoestima e favorece a naturalização da violência como estratégia legítima de interação social.

Adultos que vivenciaram experiências de violência quando crianças frequentemente não reconhecem tais comportamentos como nocivos, o que contribui

para a repetição dos mesmos padrões. Da mesma forma, crianças expostas a ambientes marcados por agressões acabam assimilando essas condutas como formas legítimas de lidar com conflitos. Assim, os efeitos da violência extrapolam o âmbito individual e consolidam-se como um padrão de comportamento transmitido entre gerações (Rocha *et al.*, 2024).

Além disso, a naturalização da violência no ambiente familiar pode dificultar o reconhecimento de práticas abusivas nas relações afetivas futuras. Muitas pessoas que cresceram em contextos marcados por agressões passam a interpretar comportamentos de controle, humilhação ou possessividade como elementos comuns das relações amorosas. Segundo Narvaz e Koller (2006), a repetição desses padrões encontra sustentação em estruturas familiares e culturais que reforçam relações hierárquicas e desiguais entre os sujeitos.

2.2.3 Aspectos psicossociais da violência em relacionamentos

Os aspectos psicossociais da violência em relacionamentos dizem respeito aos fatores psicológicos e sociais que influenciam tanto a manifestação da violência quanto a permanência das vítimas nessas relações. Esses elementos envolvem modos de funcionamento emocional, expectativas subjetivas, percepção de si e do outro, modos de interação e condições sociais que estruturam o vínculo afetivo, compondo uma dinâmica complexa que ultrapassa o ato agressivo em si (Costa *et al.*, 2018).

Do ponto de vista psicológico, um dos principais elementos é o processo de fragilização emocional que ocorre ao longo da relação abusiva. A violência costuma se instaurar de forma gradual, produzindo desgastes na autoestima, na percepção de autonomia e na capacidade de julgamento da vítima. Essa dinâmica favorece interpretações distorcidas sobre o próprio valor e sobre a relação, levando a pessoa a minimizar agressões e a reinterpretar comportamentos violentos como falhas passageiras ou justificáveis (Haack; Falcke, 2020).

Além disso, a idealização afetiva desempenha importante papel na manutenção do vínculo. Desde o início da relação, a vítima pode construir expectativas intensas de afeto, pertencimento ou estabilidade emocional, o que cria um cenário subjetivo propício para a tolerância à violência. Ao acreditar que o parceiro “é bom em essência” ou que “está passando por um momento difícil”, a vítima desenvolve esperança persistente de mudança, mesmo diante de evidências contrárias. Essa

idealização reforça a permanência e contribui para o ciclo abusivo (Silva; Coelho, 2020).

No âmbito social, fatores como isolamento gradual, dependência financeira e ausência de suporte externo contribuem para intensificar o vínculo violento. A dependência econômica, por exemplo, pode limitar as possibilidades concretas de rompimento, reduzindo a percepção de alternativas e gerando sensação de aprisionamento. Pesquisas brasileiras demonstram que a disparidade de renda entre parceiros e a falta de autonomia financeira tendem a dificultar denúncias e a aumentar a vulnerabilidade da mulher dentro da relação (Soares; Teixeira, 2022).

Outro aspecto psicossocial importante refere-se às pressões sociais e expectativas culturais relacionadas ao papel da mulher nos relacionamentos afetivos. A ideia de que ela deve manter a relação “a qualquer custo”, mostrar resiliência e evitar conflitos pode gerar constrangimento, vergonha ou medo de julgamento, enfraquecendo sua busca por apoio. Tais expectativas sociais colaboram para a normalização de comportamentos abusivos e para a dificuldade de reconhecer a gravidade da violência (Acosta *et al.*, 2015).

Nessa perspectiva, esses fatores psicossociais atuam de maneira integrada, conformando um campo relacional complexo que favorece a continuidade da dinâmica violenta e dificulta o rompimento do ciclo abusivo. A interação entre fragilização emocional, dependência (seja afetiva ou econômica) e pressões sociais cria condições subjetivas e contextuais que sustentam a naturalização do sofrimento, evidenciando que a violência em relacionamentos afetivos não se reduz a um ato isolado, mas se inscreve em um processo multifacetado que demanda intervenções amplas e articuladas (Costa *et al.*, 2018).

2.3 Psicanálise e a repetição de padrões em relacionamentos abusivos

A Psicanálise surgiu como uma das formas mais profundas de compreender o funcionamento da mente humana. De acordo com Carloni (2011), Freud desenvolveu essa teoria a partir de sua prática clínica, observando que muitos sintomas físicos estavam ligados a conflitos emocionais inconscientes, conceito que designa conteúdos psíquicos que permanecem fora da consciência, mas que continuam organizando, orientando e tensionando a vida afetiva do sujeito.

Garcia-Roza (2011) explica que o inconsciente ocupa um lugar central nesse pensamento, pois abriga desejos, afetos e lembranças que escapam ao controle

voluntário, mas que deixam marcas e se manifestam nos sonhos, lapsos e sintomas. Esses conteúdos podem emergir sob a forma de reminiscências, ou seja, traços de experiências vividas que retornam como impressões, emoções ou sensações, mesmo quando não existe uma lembrança clara e organizada do acontecimento original.

Para Nascimento *et al.* (2020), conceitos como o Complexo de Édipo e o processo de castração são pilares na construção da subjetividade e orientam a maneira como o sujeito se relaciona com o desejo, a falta e o outro. As experiências infantis, ao serem internalizadas, moldam os modos de amar, desejar e vincular-se na vida adulta.

Essas vivências deixam marcas que podem reaparecer em diferentes momentos da vida. Carvalho (2012) aponta que, quando determinadas experiências não encontram vias de elaboração, elas podem ser empurradas para fora da consciência, processo chamado de recalçamento, no qual o psiquismo afasta conteúdos dolorosos, mantendo-os ativos, mas inacessíveis. Esse afastamento não significa esquecimento: aquilo que é recalcado tende a retornar, frequentemente por meio de repetições.

Rodrigues (2023) destaca que experiências precoces de abandono, rejeição ou violência podem ser incorporadas como modelos afetivos, levando o sujeito, já adulto, a buscar vínculos que reproduzem esses padrões. Cintra (2013) observa que, paradoxalmente, mesmo quando há sofrimento, a repetição pode oferecer uma forma inconsciente de continuidade afetiva com o passado.

Meurer (2012) aponta que, ao tentar transformar o trauma no encontro com novas relações, o sujeito pode permanecer aprisionado em ciclos de dependência e frustração. Laplanche e Pontalis (2001) acrescentam que isso ocorre, sobretudo, quando o que foi recalcado não é simbolizado, isto é, quando a pessoa não consegue traduzir determinada experiência em palavras, imagens ou significados, impedindo que o psiquismo compreenda e integre. Sem essa simbolização, o conteúdo retorna de forma bruta e repetitiva. Tais fenômenos levam ao que se compreende por compulsão à repetição.

A compulsão à repetição refere-se ao processo pelo qual o sujeito, de forma inconsciente, tende a repetir padrões de comportamento, relações ou situações ligadas a experiências psíquicas anteriores, frequentemente de caráter traumático, ultrapassando o princípio do prazer e evidenciando a atuação de forças inconscientes na organização da vida psíquica (Laplanche; Pontalis, 2001).

Compreender a compulsão à repetição, portanto, é fundamental para romper o ciclo de abuso. Gabbard (2016) destaca que a análise oferece ao sujeito condições para reconhecer os conteúdos inconscientes que organizam seus vínculos e escolhas. Carvalho (2012) reforça que, ao tornar-se consciente dessas dinâmicas, o indivíduo pode ressignificá-las, abrindo espaço para relações mais estáveis e coerentes com seu desejo.

Além das forças inconscientes que sustentam a repetição, observa-se que algumas relações abusivas operam por meio de uma comunicação paradoxal, conhecida como duplo vínculo. O conceito, formulado por Bateson *et al.* (1956), descreve situações em que o indivíduo recebe mensagens contraditórias de alguém emocionalmente significativo, gerando um impasse subjetivo em que qualquer resposta produz culpa ou inadequação.

Guimarães, Diniz e Angelim (2017) demonstram que esse padrão aparece com frequência em dinâmicas abusivas, nas quais gestos de cuidado são alternados com violência, produzindo um clima de ambiguidade afetiva. A vítima passa a interpretar amor e agressão como partes inseparáveis da relação. As autoras observam que frases como “faço isso porque te amo” funcionam como armadilhas emocionais, em que o amor é utilizado para legitimar o controle. Costa (2023) acrescenta que essa contradição produz confusão e impotência, aprofundando o sofrimento psíquico.

Esse funcionamento também se articula com a compulsão à repetição, na medida em que o sujeito revive experiências dolorosas em busca de uma reparação simbólica (Carvalho, 2012). Cintra (2013) destaca que repetir o sofrimento pode ser, ainda que de modo inconsciente, uma tentativa de manter viva a ligação com o objeto amado. Nesse sentido, o duplo vínculo funciona como dispositivo que alimenta a repetição e dificulta o rompimento com padrões emocionais destrutivos.

2.3.1 Masoquismo e suas expressões na teoria freudiana

Na Psicanálise, o conceito de masoquismo ocupa um lugar essencial, pois permite compreender a relação entre prazer, dor e culpa na constituição do sujeito. Ferraz (2008) aponta que a união entre prazer e sofrimento desperta curiosidade tanto no campo científico quanto no senso comum, justamente por combinar sensações que parecem opostas. Essas experiências emocionais, como o desejo, a submissão e o sofrimento, atravessam a vida afetiva e sexual de maneira complexa e ambígua.

Para Tesche e Weinmann (2018), o masoquismo pode ter suas bases ainda na infância, quando a criança começa a desenvolver controle sobre o corpo e as emoções. Esse processo de repressão e domínio, aprendido desde cedo, pode reaparecer na vida adulta sob a forma de prazer associado à dor ou à submissão. Assim, o que inicialmente é uma conquista do desenvolvimento psíquico pode se transformar em uma dinâmica de gozo que mistura controle e vulnerabilidade.

De acordo com Freud (1924), o desejo de sofrer expressa, muitas vezes, a necessidade inconsciente de cuidado e proteção, remetendo à posição infantil de dependência. Essa disposição psíquica faz com que o sofrimento seja utilizado como um modo de manter o vínculo com o outro. Em textos posteriores, Freud (1919/1996) descreve diferentes formas de manifestação do masoquismo: o erógeno, que se relaciona à excitação sexual; o moral, voltado à culpa e à punição; e o feminino, ligado à posição de passividade diante do desejo do outro.

Kehl (1997) propõe repensar o uso do termo “feminino” e sugere que o mais adequado seria falar em “masoquismo infantil”, pois o sujeito que se coloca nesse lugar busca ser punido como uma criança que transgrediu uma regra. A autora ressalta que, ao aproximar as figuras da mulher e da criança, Freud acabou refletindo valores culturais de sua época, que associavam o feminino à docilidade e à submissão.

Na mesma linha, Poli (2007) destaca que o masoquismo não deve ser entendido como algo específico do universo feminino, mas como uma característica humana que pode aparecer em qualquer sujeito, independentemente do gênero. As ideias de “masculino” e “feminino”, portanto, são vistas como posições psíquicas e não como atributos biológicos. Narvaz (2010) também observa que, no contexto histórico de Freud, a mulher era frequentemente representada como alguém que se sacrifica, renúncia aos próprios desejos e assume o papel de cuidadora, o que reforçou a associação entre feminilidade, passividade e sofrimento.

No campo metapsicológico, o masoquismo está profundamente ligado à teoria das pulsões, em especial à pulsão de morte. Freud (1920) descreve que as pulsões de vida e de morte coexistem e se entrelaçam, movendo o sujeito tanto na direção da preservação quanto da destruição. Francischelli (2018) reforça que essa tensão é fundamental para o funcionamento psíquico, pois mostra o esforço inconsciente em transformar o impulso destrutivo em uma forma de ligação e sentido. Já Fonseca (2010) interpreta o masoquismo masculino como um modo de reviver, de forma repetida, a experiência de dor e controle, evidenciando a força da pulsão de morte que

atua sob a aparência do prazer.

Desse modo, o masoquismo, sob a ótica freudiana, pode ser entendido como uma tentativa inconsciente de conciliar prazer e dor, vida e destruição. Por meio desse funcionamento, o sujeito revive experiências anteriores e transforma o sofrimento em uma forma de reorganização interna. Essa leitura também ajuda a compreender por que certos indivíduos repetem padrões de sofrimento nos vínculos afetivos, especialmente em relações marcadas por dependência emocional e violência simbólica. Nesses casos, o sofrimento assume a função inconsciente de manter o laço com o outro, ainda que à custa da própria dor (Ferraz, 2008; Francischelli, 2018; Fonseca, 2010).

2.3.2 Transferência e escolha amorosa

A transferência é compreendida pela psicanálise como o deslocamento de afetos e expectativas inconscientes de experiências passadas para novas relações. Segundo Santos (1994), esse processo é inerente à constituição psíquica e se manifesta em diversos tipos de vínculo, ultrapassando o espaço terapêutico. Pesquisas psicanalíticas destacam que a transferência influencia diretamente o modo como o sujeito se envolve afetivamente, revelando que as escolhas amorosas podem refletir identificações inconscientes originadas nas primeiras relações de cuidado (Lauru, 2002; Maurano, 2006).

Nas relações amorosas, a transferência atua como uma forma de repetição emocional. Lauru (2002) observa que o sujeito tende a buscar, no parceiro, aspectos de figuras significativas do passado, numa tentativa inconsciente de reparar antigas frustrações. Essa busca, embora possa representar o desejo de elaboração, também pode aprisionar o indivíduo em relações marcadas por idealização e dependência. De acordo com Teodoro, Chaves e Santos (2021), esse tipo de vínculo amoroso pode se sustentar em uma necessidade psíquica de completude, em que o outro é investido de expectativas e funções reparadoras, tornando-se um objeto simbólico de preenchimento da falta.

Gobbato (2001) amplia essa compreensão ao destacar que a transferência envolve um movimento de amor e saber. A autora explica que o sujeito, ao investir o outro com afeto e desejo, busca nele uma resposta simbólica para o que lhe falta, repetindo, de modo inconsciente, experiências primitivas de busca por reconhecimento. Nesse sentido, o amor transferencial revela como o desejo se

estrutura em torno da falta, e como essa falta orienta as escolhas amorosas, levando o indivíduo a reviver antigas dinâmicas afetivas sob novas formas (Santos, 1994; Teodoro; Chaves; Santos, 2021).

Apesar de a transferência poder conduzir à repetição de padrões dolorosos, ela também contém um potencial transformador. Maurano (2006) e Luru (2002) afirmam que, ao reconhecer a natureza projetiva de seus sentimentos, o sujeito tem a possibilidade de ressignificar suas experiências afetivas e desenvolver vínculos mais conscientes. Nessa perspectiva, o amor deixa de ser apenas uma tentativa inconsciente de reparar o passado e passa a representar uma oportunidade de elaboração psíquica e crescimento emocional.

Assim, a transferência e a escolha amorosa se articulam de forma complexa, revelando o papel do inconsciente na constituição dos vínculos afetivos. Segundo Ravanello (2013), o amor, para a psicanálise, é um campo onde o desejo, o ideal e a falta se entrelaçam, constituindo-se como um fenômeno que ultrapassa o plano consciente e expressa a história subjetiva do sujeito. Compreender essa dinâmica permite reconhecer que amar é também confrontar-se com o próprio inconsciente, em um movimento constante entre repetição, desejo e possibilidade de transformação psíquica.

2.3.3 Mecanismo de defesa e estratégia inconscientes para lidar com a violência

Os mecanismos de defesa constituem processos psíquicos utilizados pelo indivíduo para manejar emoções, pensamentos e experiências internas que provocam sofrimento psíquico. Freud, ao introduzir o conceito, descreveu-os como estratégias inconscientes que visam proteger o Eu diante de angústias e conflitos internos (Freud, 1926/1996). Na perspectiva psicanalítica, esses mecanismos não são escolhas conscientes, mas respostas automáticas que se desenvolvem ao longo da vida e moldam a forma como cada sujeito lida com experiências adversas, especialmente em contextos de violência. Para Laplanche e Pontalis (2001), os mecanismos de defesa atuam como organizadores do funcionamento psíquico, permitindo ao sujeito manter certa estabilidade emocional frente a situações que, de outra forma, seriam insuportáveis.

No contexto dos relacionamentos abusivos, esses mecanismos assumem papel central na permanência da vítima em vínculos destrutivos. Autores como Meurer (2012) e Nascimento *et al.* (2020) destacam que, diante de agressões físicas ou

psicológicas, é comum que o sujeito acione defesas como a repressão, quando sentimentos e lembranças dolorosas são afastados da consciência para que não causem sofrimento direto; a negação, que funciona como uma recusa em admitir a gravidade do que aconteceu; e a racionalização, na qual o indivíduo cria justificativas aparentemente lógicas para atenuar a violência vivida. Dessa forma, muitos acabam explicando o comportamento do parceiro como resultado de estresse, ciúme ou excesso de amor, em vez de reconhecer a agressão. Ferraz (2008) acrescenta que essa dinâmica psíquica alimenta o ciclo de violência e fortalece uma narrativa interna que normaliza o sofrimento como parte do vínculo amoroso.

Além dos mecanismos clássicos descritos por Freud, observa-se, em casos de violência doméstica, a presença de estratégias inconscientes específicas voltadas para a preservação do vínculo afetivo, ainda que prejudicial. Segundo Guimarães, Diniz e Angelim (2017), a idealização do agressor e a crença em sua capacidade de mudança funcionam como defesas que alimentam a esperança de um futuro diferente, reforçando a manutenção da relação.

Da mesma forma, o mecanismo de identificação com o agressor, descrito por Anna Freud (1936/1996), pode levar a vítima a adotar comportamentos, valores e justificativas semelhantes às do parceiro violento como forma de sobreviver emocionalmente à dinâmica opressiva. Essa fusão psíquica faz com que a vítima tenha dificuldade em reconhecer-se fora da relação, fortalecendo a dependência emocional.

Outro mecanismo recorrente em relações abusivas é a dissociação, mobilizada quando o sofrimento atinge níveis elevados e o Eu perde a capacidade de simbolizar a dor. De acordo com Rocha *et al.* (2024) e Saffioti (1997), a dissociação funciona como uma estratégia extrema mediante traumas continuados, permitindo ao sujeito “desligar-se” emocionalmente do episódio violento para suportá-lo. Nesse sentido, a violência gera efeitos que vão além das marcas físicas e emocionais imediatas, contribuindo para o adoecimento psíquico, a perda da autoestima e a fragmentação da identidade. Como afirmam Haack e Falcke (2020), quando as experiências traumáticas não encontram espaço para elaboração, tendem a perpetuar ciclos de repetição, tanto intrapsíquicos quanto relacionais.

Ao reconhecer que a permanência em relacionamentos abusivos está intrinsecamente ligada a processos inconscientes, torna-se possível construir práticas terapêuticas mais sensíveis, que favoreçam a simbolização da experiência traumática

e a reconstrução do *self*. Nessa direção, Gabbard (2016) defende que a escuta clínica e o processo analítico ajudam o sujeito a transformar padrões defensivos rígidos em estratégias mais adaptativas, promovendo autonomia subjetiva e capacidade de estabelecer vínculos afetivos saudáveis.

2.3.4 Compulsão à repetição

A compreensão da compulsão à repetição pode ser iniciada a partir dos significados que compõem essa expressão. A compulsão refere-se a um impulso interno que se impõe ao sujeito de maneira insistente, frequentemente vivenciado como difícil de controlar, mesmo diante de possíveis consequências negativas (Ferreira, 2010). Já a repetição diz respeito à retomada de comportamentos, experiências ou formas de se relacionar ao longo do tempo, podendo estar associada tanto ao aprendizado quanto à manutenção de determinados padrões (Ferreira, 2010).

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), quando articulados, esses termos permitem compreender a compulsão à repetição como um movimento no qual o sujeito retorna, de forma recorrente, a determinadas experiências, ainda que estas não produzam satisfação. Para os autores, esse fenômeno não se restringe à esfera da consciência, envolvendo processos psíquicos que escapam ao controle voluntário, o que contribui para a persistência desses padrões mesmo diante de tentativas de mudança.

De acordo com Zimerman (2004), a repetição ocupa um papel importante desde os primeiros momentos do desenvolvimento psíquico. Nesse sentido, esse movimento não se limita a vivências satisfatórias, incluindo também situações marcadas por desconforto, o que amplia sua compreensão para além da busca exclusiva por prazer.

Na perspectiva de Ferenczi (1933/1992), a permanência de determinadas experiências ao longo do tempo pode indicar a presença de conteúdos que não foram plenamente elaborados. Experiências intensas, especialmente aquelas associadas ao trauma, tendem a retornar sob a forma de repetição, revelando dificuldades no processo de simbolização. Nessa direção, a compulsão à repetição pode ser compreendida como um mecanismo que emerge diante de conteúdos que não puderam ser integrados à experiência psíquica, levando à sua reapresentação constante (Conde, 2018).

Conforme Brandão (1986), a compreensão desse movimento pode ser

ampliada por meio de recursos simbólicos, como aqueles presentes na mitologia grega, frequentemente utilizados para expressar aspectos da experiência humana. Nesse contexto, o mito de Sísifo apresenta uma narrativa na qual o personagem é condenado a realizar continuamente uma tarefa que não se conclui, sendo obrigado a reiniciar o mesmo movimento repetidas vezes. Essa narrativa permite uma aproximação com a repetição discutida por Conde (2018), na qual o sujeito permanece envolvido em padrões que se repetem ao longo do tempo, sem alcançar uma resolução, mantendo-se ligado a determinadas experiências.

Segundo Miranda e Faveret (2011), esse funcionamento também pode ser observado em manifestações contemporâneas, nas quais a compulsão à repetição se expressa em diferentes formas, como nas dependências, nas compulsões alimentares, nos jogos e em outros comportamentos marcados pela insistência. As autoras destacam que essas manifestações se caracterizam pela repetição de ações que não produzem satisfação, mas que, ainda assim, continuam sendo realizadas ao longo do tempo.

De acordo com Birman (2001), essas repetições podem assumir um caráter imperativo, não sendo organizadas apenas a partir de escolhas conscientes, mas como algo que se impõe ao sujeito. Esse funcionamento contribui para a manutenção de ciclos repetitivos, nos quais o comportamento se sustenta mesmo quando associado ao sofrimento.

Freud (1920/2010) aponta que a repetição de experiências marcadas pelo sofrimento não exclui a possibilidade de satisfação psíquica. Para o autor, o sujeito pode encontrar formas de satisfação associadas ao próprio sofrimento, ainda que isso não seja reconhecido de maneira consciente, o que contribui para a manutenção desses padrões.

Conforme Laplanche e Pontalis (2001), a compulsão à repetição pode ser compreendida como um modo de funcionamento psíquico no qual determinados conteúdos permanecem ativos, influenciando o comportamento do sujeito ao longo do tempo e contribuindo para a manutenção de padrões que, muitas vezes, se articulam ao sofrimento.

Como discutem Birman (2001) e Freud (1920/2010), é possível observar que a compulsão à repetição não se limita a manifestações isoladas, mas se expressa também nas formas como o sujeito se relaciona. Nesses contextos, determinados padrões tendem a se repetir, muitas vezes associados ao sofrimento, indicando a

permanência de conteúdos que não foram elaborados.

2.3.4.1 Contribuições da Psicanálise para a compreensão da compulsão à repetição

A compreensão da compulsão à repetição, no campo psicanalítico, começa a ganhar forma a partir das formulações de Freud, especialmente quando ele passa a questionar os limites do princípio do prazer. Até então, predominava a ideia de que o funcionamento psíquico, ou seja, a forma como o sujeito pensa, sente e reage, estaria voltado para a busca de satisfação. No entanto, ao observar seus pacientes, Freud percebe situações em que o sujeito retorna a experiências dolorosas, o que o leva a reconhecer uma tendência à repetição que vai além da busca por prazer (Freud, 1920/2010).

Essa mudança marca uma contribuição importante da Psicanálise, ao mostrar que nem tudo no sujeito se organiza em torno do prazer. Em muitos casos, aquilo que não pôde ser elaborado, isto é, compreendido e integrado à própria história, continua ativo e tende a reaparecer. Assim, a repetição passa a ser entendida como algo ligado a experiências que não foram totalmente processadas pelo sujeito (Freud, 1920/2010).

Como aponta Caropreso (2006), já nas primeiras formulações de Freud é possível perceber sinais dessa questão, especialmente na forma como o sujeito lida com conteúdo que não consegue elaborar completamente. Isso mostra que a ideia de repetição vai sendo construída ao longo da teoria, e não aparece pronta desde o início (Caropreso, 2006).

A partir dessas contribuições, a Psicanálise passa a considerar que a repetição está relacionada a conteúdos recalcados, ou seja, experiências e sentimentos que foram afastados da consciência por serem difíceis de lidar, mas que continuam atuando no sujeito. Mesmo sem serem lembrados de forma direta, esses conteúdos podem aparecer nas escolhas, nos comportamentos e nas relações, muitas vezes de forma repetitiva (França, 2009).

Essa compreensão pode ser ampliada a partir das contribuições de Fulgencio (2011), onde aponta que a repetição não se limita à retomada de experiências já vividas. Em alguns casos, o que aparece como repetição está mais ligado à tentativa de viver algo que, quando ocorreu, não pôde ser plenamente experienciado (Fulgencio, 2011).

Em uma perspectiva mais recente, Godoi e Iannini (2025) apontam que a repetição também pode estar ligada a certos padrões que organizam a forma como o

sujeito se relaciona com o mundo. Nesse sentido, nem tudo depende de uma decisão consciente, o que ajuda a compreender a permanência de determinados comportamentos ao longo do tempo, mesmo quando geram sofrimento, aspecto também discutido por Green (2008).

2.3.4.2 Repetições de padrões em relacionamentos no contexto da violência doméstica

A repetição de padrões em relações amorosas, especialmente em contextos de violência, pode ser compreendida como um fenômeno que ultrapassa a dimensão individual, envolvendo a articulação entre história subjetiva e construções sociais (Caropreso, 2006).

O sujeito pode se envolver, ao longo da vida, em vínculos com características semelhantes, mesmo após experiências anteriores marcadas por sofrimento, o que evidencia a permanência de determinados modos de se relacionar (Laplanche; Pontalis, 2001).

As contribuições de Beauvoir (1949/2009) ajudam a compreender que a mulher foi historicamente construída em uma posição de alteridade e subordinação, favorecendo a naturalização de relações desiguais no campo afetivo. Para a autora, essa organização não permanece apenas no plano social, mas atravessa a forma como o sujeito passa a se perceber e a se posicionar nas relações.

Zanello (2018) propõe que o sofrimento psíquico feminino deve ser compreendido a partir dos chamados “dispositivos de gênero”, entendidos como formas culturais que ensinam modos específicos de amar, desejar e se colocar nos vínculos. A autora introduz a noção de “amor de migalhas”, indicando que pequenas demonstrações de afeto podem sustentar o investimento emocional na relação, mesmo diante de experiências repetidas de frustração e violência.

Ao aproximar essas contribuições da Psicanálise, Zanello (2018) permite compreender que essas normas não permanecem externas ao sujeito, mas são internalizadas e passam a compor o funcionamento psíquico, influenciando diretamente a forma como os vínculos são estabelecidos e mantidos.

De acordo com essa perspectiva, Caropreso (2006) contribui para compreender que a compulsão à repetição não se limita a um retorno automático ao passado, mas envolve a reatualização de experiências que não puderam ser plenamente elaboradas. Desse modo, a repetição de vínculos semelhantes pode ser

entendida como um processo em que história, cultura e subjetividade se entrelaçam, favorecendo a continuidade de relações marcadas por sofrimento ao longo da vida.

2.3.4.3 Manejo clínico psicanalítico

O manejo clínico psicanalítico diz respeito à direção do tratamento e à posição sustentada na escuta, ultrapassando a ideia de um conjunto fixo de técnicas. Trata-se de uma condução orientada pela ética da Psicanálise, na qual o sujeito é considerado em sua singularidade e na relação que estabelece com a própria fala (Alberti; Elia, 2000). A compreensão do sofrimento ocupa lugar central nesse processo, pois a forma como o profissional o reconhece e o escuta interfere diretamente na condução do cuidado, evidenciando que a escuta não é neutra, mas atravessada por posicionamentos clínicos e éticos (Moretto, 2023).

Em contextos marcados pela violência doméstica, essa dimensão torna-se ainda mais delicada. A maneira como o atendimento é conduzido pode favorecer a elaboração psíquica ou, ao contrário, intensificar experiências de sofrimento já vivenciadas pela mulher. Nesse sentido, a escuta clínica deve constituir-se como um espaço ético que não reproduza experiências de silenciamento, invalidação ou culpabilização, permitindo que a paciente encontre condições para simbolizar e ressignificar sua experiência (Conte, 2024).

O manejo não se organiza a partir de orientações pré-definidas ou respostas antecipadas. A clínica psicanalítica sustenta-se na possibilidade de acolher aquilo que emerge de forma singular em cada caso, sem reduzir a experiência subjetiva a categorias generalizantes ou explicações universais. O analista, portanto, não ocupa uma posição de aconselhamento ou julgamento, mas sustenta um lugar que favorece a emergência da fala e a construção de sentidos pelo próprio sujeito (Alberti; Elia, 2000; Moretto, 2019).

A repetição constitui um dos elementos centrais para a compreensão do sofrimento psíquico. Freud (1914/2010), ao discutir os processos de recordar, repetir e elaborar, demonstrou que conteúdos inconscientes frequentemente retornam por meio de atos e escolhas, mesmo quando produzem sofrimento. No contexto dos relacionamentos abusivos, essa compreensão torna-se particularmente relevante, pois permite pensar que determinados padrões relacionais podem reaparecer não por decisão consciente, mas como expressão de conteúdos ainda não elaborados psiquicamente.

No campo lacaniano, essa dinâmica pode ser compreendida a partir da noção de gozo, conceito que se refere a formas de satisfação que escapam à lógica consciente e podem permanecer associadas ao sofrimento. Dessa forma, a posição do analista não consiste em corrigir comportamentos ou orientar decisões, mas em sustentar um espaço que possibilite ao sujeito produzir novos significados acerca daquilo que se repete em sua história e em seus vínculos afetivos (Lacan, 1964/2008).

No que se refere às estratégias técnicas do manejo, a clínica psicanalítica fundamenta-se principalmente na associação livre, na atenção flutuante e no manejo da transferência. A associação livre permite que a paciente fale sem censuras ou direcionamentos prévios, favorecendo a emergência de conteúdos inconscientes relacionados às experiências de violência e aos padrões repetitivos presentes em suas relações. Já a atenção flutuante possibilita ao analista escutar para além do conteúdo manifesto do discurso, acolhendo lapsos, repetições, contradições e elementos simbólicos que podem indicar aspectos importantes da dinâmica psíquica (Freud, 1912/2010; Zimerman, 2004).

A transferência constitui um instrumento fundamental para a condução do tratamento, uma vez que experiências afetivas e modelos relacionais construídos ao longo da vida tendem a ser atualizados na relação terapêutica. Por meio dela, o analista pode identificar modos recorrentes de vinculação, permitindo que aspectos da repetição sejam trabalhados no espaço clínico. Dessa forma, a repetição deixa de ser compreendida apenas como comportamento e passa a ser considerada um dado clínico relevante para a elaboração do sofrimento e para a construção de novas formas de posicionamento subjetivo diante da própria história (Freud, 1912/2010; Moretto, 2019; Chagas, 2019).

Nessa perspectiva, o manejo clínico psicanalítico não se restringe ao *setting* terapêutico, mas dialoga com os diferentes dispositivos da rede de cuidado. Embora a Psicanálise privilegie a singularidade do sujeito, ela reconhece que o sofrimento psíquico é atravessado por fatores familiares, sociais, culturais e institucionais. Em situações de violência doméstica, a escuta clínica deve articular a compreensão dos processos inconscientes envolvidos na repetição dos vínculos abusivos com a necessidade de proteção e garantia de direitos das mulheres (Laplanche; Pontalis, 2001; Moretto, 2023).

A compreensão psicanalítica contribui significativamente para esse processo ao possibilitar uma leitura ampliada dos significados inconscientes presentes nos

vínculos afetivos. Conceitos como transferência, compulsão à repetição, escolha amorosa e gozo permitem compreender por que determinadas mulheres permanecem ou retornam a relações marcadas pela violência, mesmo diante do sofrimento produzido por elas. Essa compreensão não busca responsabilizar a vítima pela violência sofrida, mas ampliar o entendimento sobre a complexidade dos processos subjetivos envolvidos em sua permanência nesses vínculos (Freud, 1920/2010; Nasio, 2013; Chagas, 2019).

Todavia, a escuta psicanalítica, isoladamente, não é suficiente para responder às múltiplas demandas presentes nos casos de violência doméstica. A complexidade dessas situações exige atuação multiprofissional e intersetorial, envolvendo saúde, assistência social, segurança pública e órgãos de garantia de direitos. A literatura aponta que a efetividade do enfrentamento à violência depende da articulação entre os diferentes serviços da rede, permitindo acolhimento, proteção, encaminhamento e acompanhamento continuado das vítimas (Perez; Durante, 2026; Duarte *et al.*, 2019).

Na perspectiva Psicanalítica, essa atuação em rede não elimina a singularidade do sujeito. Pelo contrário, cria condições para que a mulher possa elaborar seu sofrimento em um contexto de maior segurança e suporte social. O encaminhamento para serviços especializados, grupos de apoio, acompanhamento psicossocial e medidas protetivas fortalece a rede de cuidado e contribui para o rompimento do ciclo da violência, favorecendo a reconstrução da autoestima, da autonomia e da capacidade de estabelecer novas formas de relação consigo mesma e com os outros (CFP, 2019; Chagas, 2019).

O acolhimento qualificado constitui uma etapa fundamental nesse processo, pois possibilita que a mulher seja escutada sem julgamentos, com respeito ao sigilo e à sua singularidade. Quando os profissionais reconhecem os sinais indiretos da violência e acolhem a vítima de forma ética e humanizada, ampliam-se as possibilidades de intervenção e diminuem-se os riscos de revitimização. A construção de vínculos de confiança favorece tanto a adesão ao acompanhamento quanto o fortalecimento da autonomia e da capacidade de enfrentamento da situação de violência (CFP, 2019; Perez; Durante, 2026).

Tal demanda, entretanto, não é específica da clínica. Muitos casos chegam ao conhecimento dos profissionais por meio das unidades de atendimento público, como Caps (Centro de Atenção Psicossocial), Cras (Centro de Referência de Assistência Social), Creas (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) e as

unidades de Atenção Primária à Saúde (APS). A APS ocupa posição estratégica por constituir a principal porta de entrada do Sistema Único de Saúde. Sua inserção territorial e a construção de vínculos contínuos com a população favorecem a identificação precoce de situações de violência que frequentemente se apresentam por meio de sintomas físicos, sofrimento emocional recorrente, ansiedade, depressão ou dificuldades relacionais. Muitas vezes, aquilo que não pode ser verbalizado diretamente emerge por meio dessas manifestações, exigindo dos profissionais uma escuta qualificada e sensível ao sofrimento subjetivo das mulheres. A APS configura-se, portanto, como espaço privilegiado para acolhimento, acompanhamento e encaminhamento das mulheres em situação de violência, desempenhando papel fundamental na articulação da rede de proteção e cuidado (Perez; Durante, 2026; Schraiber *et al.*, 2002).

Porém, ainda que os serviços de saúde tenham avançado nas últimas décadas, persistem desafios relacionados à identificação e ao manejo dos casos de violência doméstica. Entre eles, destacam-se o despreparo técnico para abordar questões sensíveis, a predominância de modelos estritamente biomédicos e a dificuldade de articulação entre os diferentes dispositivos da rede de atendimento. Tais limitações podem gerar atendimentos fragmentados e comprometer a continuidade do cuidado, tornando essencial o investimento em capacitação permanente das equipes e na construção de fluxos intersetoriais efetivos (Perez; Durante, 2026; Brasil, 2025.)

Nesses contextos, o manejo clínico psicanalítico, ao se debruçar sobre os padrões de repetição na violência doméstica, constitui uma contribuição relevante para a atuação na Atenção Básica em Saúde (Chagas, 2019), pois este trata-se de um local privilegiado para a identificação de sofrimentos que se repetem, muitas vezes mascarados em queixas somáticas, como apontado por Moura (2024) ao discutir as contribuições da clínica psicanalítica para o matriciamento. Rosa (2022) reforça a necessidade de uma escuta territorializada que considere a dimensão sociopolítica do trauma. Nessa perspectiva, Dunker (2011) destaca que o sofrimento psíquico deve ser compreendido para além de suas manifestações individuais, considerando também os processos de subjetivação e os contextos sociais nos quais o sujeito está inserido. Assim, a integração do olhar psicanalítico na Atenção Básica e nos demais serviços que atendem às demandas públicas possibilita não apenas o acolhimento do sofrimento, mas também a promoção da responsabilização subjetiva, diferenciada da culpabilização, para que as vítimas possam romper com os padrões de repetição e

reescrever suas histórias.

Dessa forma, o manejo clínico em situações de violência doméstica deve ser compreendido como um processo que integra escuta, acolhimento, proteção e articulação em rede. A função do profissional não consiste em oferecer respostas prontas ou determinar decisões para a paciente, mas sustentar um espaço de fala que possibilite a produção de novos sentidos para sua experiência. Quando associada ao trabalho desenvolvido pela Atenção Primária à Saúde e pela equipe multiprofissional, a escuta psicanalítica favorece não apenas a elaboração do sofrimento psíquico, mas também a construção de condições concretas para o fortalecimento da autonomia, da segurança e da ruptura de padrões relacionais marcados pela violência (Moretto, 2023; CFP, 2019; Perez; Durante, 2026).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar os aspectos psíquicos que influenciam a repetição de relacionamentos abusivos com base nos pressupostos da teoria psicanalítica. A partir da revisão bibliográfica realizada, foi possível compreender que a violência nos relacionamentos amorosos constitui um fenômeno complexo, atravessado por aspectos subjetivos, familiares, sociais e culturais. A análise da literatura evidenciou que a repetição de relacionamentos abusivos não pode ser explicada por uma única causa ou por decisões exclusivamente conscientes.

Em relação à questão norteadora deste estudo, os resultados permitiram identificar fatores associados à repetição de padrões abusivos nos relacionamentos amorosos. A literatura analisada demonstrou que experiências construídas nas relações familiares iniciais, modelos relacionais internalizados, dependência emocional, idealização amorosa, mecanismos de defesa inconscientes, processos transferenciais e a compulsão à repetição podem influenciar a forma como determinados vínculos são estabelecidos e mantidos ao longo da vida. Dessa forma, compreende-se que a repetição desses relacionamentos está relacionada à interação entre elementos psíquicos e fatores socioculturais que atravessam a história subjetiva das mulheres.

Um dos principais resultados desta pesquisa foi a identificação de lacunas na produção científica sobre o tema. Embora existam diversos estudos sobre a permanência das mulheres em relacionamentos abusivos e os fatores que dificultam o rompimento dessas relações, observou-se um número menor de pesquisas voltadas à compreensão da repetição desses vínculos após o término da relação violenta. Essa lacuna demonstra a necessidade de ampliar as investigações sobre os fatores envolvidos na construção de novos relacionamentos e nos processos de elaboração das experiências traumáticas.

Outro aspecto relevante refere-se às transformações contemporâneas das relações afetivas. Em uma sociedade marcada pela rapidez das conexões, pela fragilidade dos vínculos e pela influência das tecnologias digitais, torna-se importante refletir sobre os impactos dessas mudanças na construção dos relacionamentos amorosos. Nesse contexto, observou-se a necessidade de ampliar as investigações que relacionem os conceitos psicanalíticos às novas formas de vinculação afetiva.

Além disso, verificou-se que a Psicanálise oferece importantes contribuições para a compreensão dos processos subjetivos envolvidos na repetição dos relacionamentos abusivos. Conceitos como compulsão à repetição, transferência, mecanismos de defesa e escolha amorosa possibilitam uma leitura aprofundada dos fatores inconscientes que participam da construção dos vínculos afetivos.

Por fim, conclui-se que a pesquisa permitiu avançar na compreensão dos aspectos psíquicos envolvidos na repetição dos relacionamentos abusivos, alcançando os objetivos propostos. Os resultados indicam que a repetição desses vínculos deve ser compreendida como um fenômeno complexo, que envolve a articulação entre experiências construídas nas relações familiares iniciais, processos inconscientes, modelos relacionais internalizados e influências socioculturais.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, D. F. et al. **Violência contra a mulher por parceiro íntimo: (in)visibilidade do problema.** Texto & Contexto Enfermagem, v. 24, n. 1, p. 127, 2015.
- ALBERTI, Sonia; ELIA, Luciano (org.). **Clínica e pesquisa em psicanálise.** Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.
- BACKHAUS, I.; DRAGANO, N.; DI TECCO, C.; IAVICOLI, S.; HOVEN, H. **Trends in negative interpersonal relationships at work and awareness of occupational safety and health services: a 2014–2019 trend analysis.** Journal of Occupational Health, v. 66, n. 1, article uiae043, 2024.
- BATISTA, Maria Naira de Lima; RAMALHO BRILHANTE, Ana Paula Cavalcante; MARTINS, Thayana Alcântara. **Saúde mental das mulheres em situação de violência física: revisão integrativa.** Research, Society and Development, v. 10, n. 14, e315101421795, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i14.21795>. Acesso em: 20 set. 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BATESON, G.; JACKSON, D. D.; HALEY, J.; WEAKLAND, J. H. **Toward a theory of schizophrenia.** Behavioral Science, v. 1, n. 4, p. 251–254, 1956.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BINI, Mara Cristina Normidio; SILVA, Andressa Melina Becker da. **Violência contra a mulher: uma revisão sistemática da literatura na perspectiva da psicologia.** Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 16, n. 2, 2023.
- BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 30 out. 2025.
- BRASIL. Lei nº 14.550, de 14 de fevereiro de 2023. **Altera a Lei nº 11.340/2006 para dispor sobre a concessão de medidas protetivas de urgência.** Diário Oficial da União, Brasília, 15 fev. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14550.htm. Acesso em: 30 out. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Gestão do Cuidado Integral. Guia prático de cuidado à mulher em situação de violência.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2025.
- BRASIL. Ministério das Mulheres. **Balanço anual do Ligue 180 aponta crescimento das denúncias de violência contra a mulher em 2025.** Brasília, DF:

Ministério das Mulheres, 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Relatório mundial sobre violência e saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.** Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio_mundial_violencia_saude.pdf. Acesso em: 30 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia prático de cuidado à mulher em situação de violência. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2025.** Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/2025/guia-pratico-de-cuidado-a-mulher-em-situacao-de-violencia.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2025.

CAROPRESO, Fátima. **Compulsão à repetição do "Projeto de uma Psicologia" ao "Além do princípio do prazer"**. Natureza Humana, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 149-173, 2006. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/>. Acesso em: 30 mar. 2026.

CACIOPPO, John T.; PATRICK, William. **Loneliness: Human nature and the need for social connection.** New York: W. W. Norton & Company, 2008.

CARLONI, Paola Regina. **A história e a constituição da psicanálise: introdução aos principais conceitos freudianos para entender a subjetividade humana.** Revista UniAraguaia, v. 1, n. 1, p. 1–12, 2011. Disponível em: https://sipe.uniaraguaia.edu.br/index.php/REVISTAUNIARAGUAIA/article/view/2Z/pdf_12. Acesso em: 20 set. 2025.

CARVALHO, M. T. M. **Sofrimento psíquico, acontecimento traumático e angústia.** Psicologia e m Estudo, v. 17, n. 2, p. 247–255, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3Jmg8gW98TXYx79j65WmPxw/>. Acesso em: 21 out. 2025.

CASSEPP-BORGES, V.; TEODORO, M. L. M. **Versión reducida de la Escala Triangular del Amor: características del sentimiento en Brasil.** Revista Interamericana de Psicología, v. 43, n. 1, p. 30–38, 2009.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro Coordenador et al. **Atlas da violência 2025.** 2025.

CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa. **André Green e o trabalho do negativo.** Percurso, São Paulo, Brasil, v. 25, n. 49/50, p. 65–76, 2013.

CHAGAS, Luciana Ferreira. **(Re)pensando a assistência: contribuições da psicanálise para as políticas públicas no enfrentamento do ciclo da repetição na violência contra a mulher.** 2019. 220 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

COLOSSI, Patrícia Manozzo; MARASCA, Aline Riboli; FALCKE, Denise. **De geração em geração: a violência conjugal e as experiências na família de origem.** Psico,

v. 46, n. 3, p. 288–298, 2015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) em políticas públicas para mulheres em situação de violência.** Brasília: CFP, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Referencias-tecnicas-Mulheres-em-situacao-de-violencia.pdf>.

Acesso em: 1 nov. 2025.

COSTA, A. M.; COSTA, M. C. O.; NASCIMENTO, O. C. **Percorso amoroso e eventos violentos nas relações de namoro de jovens.** Revista Saúde Coletiva, v. 8, p. 39–45, 2018.

CONTE, Raquel Furtado. **A violência da escuta e a escuta da violência.** Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 61, p. 19-30, jun. 2024. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372024000100019&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2026.

CONDE, Ana Flávia Corrêa. **A compulsão à repetição e as repetições de Sísifo.** 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia).

COSTA, M. S. **Comunicação paradoxal e manipulação emocional em relacionamentos abusivos.** Caderno de Psicologia e Saúde, v. 12, n. 1, 2023.

DIAS, Maria Berenice. **A Lei Maria da Penha na justiça: a efetividade da Lei 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher.** 6. ed. Salvador: JusPodivm, 2019.

DUARTE, M. J. O.; SOUSA, L. P.; SOUZA, M. C. S. **Intersectorialidade no enfrentamento da violência doméstica: desafios e possibilidades.** Serviço Social & Sociedade, v. 136, p. 65–82, 2019.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica lacaniana a partir do perspectivismo animista.** Tempo Social, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 115-136, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/8YJ4xkYxk6d5fL5Vqg7bN3m/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

FERENCZI, Sándor. **Confusão de língua entre os adultos e a criança.** Tradução de Álvaro Cabral. In: FERENCZI, Sándor. Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 97-106.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERRAZ, F. C. Introdução. In: SACHER-MASOCH, L. von. **A Vênus das Peles.** São Paulo: Hedra, 2008. p. 9–19.

FONSECA, F. L. **O masoquismo masculino nos sujeitos: a repetição inconsciente.** Revista Brasileira de Psicanálise, v. 44, n. 3, p. 149–161, 2010.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023..

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2026**. São Paulo: FBSP, 2026.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024. 18. ed.** São Paulo: FBSP, 2024.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). **Relatório Anual 2024. São Paulo: FBSP, 2024.** Disponível em: <https://forumseguranca.org.br>. Acesso em: 20 set. 2025.

FONSECA, Paula Martinez da; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noemia Soares Barbosa. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 307-314, 2012

FRANCISCHELLI, Leonardo Adalberto. **Como é a vida da pulsão de morte?** Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 76–85, 2018.

FREUD, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa. 2. ed.** Rio de Janeiro: Imago, 1996. Obra original publicada em 1936.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920).** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14..

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia (1926).** In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XX.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: FREUD, Sigmund. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913).** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Recomendações ao médico que pratica a psicanálise (1912).** In: FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo (1914).** In: FREUD, S. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **O estranho (1919).** In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVII.

FREUD, Sigmund. **O problema econômico do masoquismo (1924)**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIX.

FREUD, Sigmund. **Uma criança é espancada (1919)**. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XVII.

GABBARD, Glen O. **Psiquiatria psicodinâmica na prática clínica**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

GREEN, André. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. São Paulo: SBPSP; Rio de Janeiro: Imago, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOBBATO, Gisela G. **Transferência: amor ao saber**. *Ágora (Ribeirão Preto)*, v. 4, n. 2, p.120–135, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/LkLVCNF948rTppFPwjm5nkv/>. Acesso em: 30 out. 2025.

GOMES, I. R. **A intenção feminina de permanecer em um relacionamento abusivo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

GUIMARÃES, Fabrício Lemos; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling; ANGELIM, Fábio Pereira. **“Mas ele diz que me ama...”: duplo-vínculo e nomeação da violência conjugal**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília*, v. 33, e3346, 2017. DOI: 10.1590/0102.3772e3346.

HAACK, Karla Rafaela; FALCKE, Denise. **Seria o ciúme mediador entre as experiências na família de origem e a violência física na conjugalidade?** *Psico-USF*, v. 25, n. 3, p. 425–437, jul./set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250303>. Acesso em: 11 nov. 2025.

JESUS, Claene Timbira de; ALVES, Silvana Ferreira de Sousa. **Dependência emocional: permanência de mulheres em relacionamentos abusivos**. *Revista Foco*, v. 18, n. 4, p. e8291, 2025. DOI: 10.54751/revistafoco.v18n4-115. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/8291>. Acesso em: 3 nov. 2025.

KEHL, Maria Rita Bicalho. **Os deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 1997. 280 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

LAURU, Didier. **O enamoramento e o amor de transferência**. Tradução: Inesita Machado. Estilos da Clínica, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 158-165, 2002

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001..

LATHREN, Christine; RAO, Sanjana; PARK, Jinyoung; BLUTH, Karen. **Self-compassion and current close interpersonal relationships: a scoping literature review**. Mindfulness, v. 12, n. 5, p. 1078–1093, 2021. DOI: 10.1007/s12671-020-01566-5.

LIAO, J.; CHEN, S.; LIU, Y.; GUO, C. **The effects of family and school interpersonal relationships on depression in Chinese elementary school children**. Children, v. 11, n. 3, p. 327, 2024.

LIMA, Sandra da Conceição da Silva; RODRIGUES, Jéssica Silva. **A violência contra a mulher na perspectiva da psicologia: uma revisão bibliográfica**. Revista de Psicologia, v. 13, n. 1, p. 139–153, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/64211/1/2022_art_scslimajsrodrigues.pdf. Acesso em: 5 out. 2025.

LIN, J.; ZHANG, L.; KUO, Y.-L. **The role of social–emotional competencies in interpersonal relationships: a structural equation modeling approach**. Frontiers in Psychology, v. 15, p. 1360467, 2024. DOI: 10.3389/fpsyg.2024.1360467.

MACEDO, Luiza Augusta Sales. **Dependência emocional na era digital: explorando o impacto das redes sociais e aplicativos de namoro**. 2023. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – UNINASSAU Maceió – Farol, Maceió, 2023.

MACHADO, Ana Suelen Monfredini; LOURENÇO, Lélío Moura. **Violência entre parceiros íntimos: articuladores de rede e atendimento à mulher**. Aletheia, Canoas, n. 50, p. 129-146, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/4165>. Acesso em: 10 set. 2025.

MACHADO, Andrezza Souza Martinez; BHONA, Fernanda Monteiro de Castro; LOURENÇO, Lélío Moura. **Intervenção com mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão bibliométrica**. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 15, n. 1, p. 1–13, 2020.

MATTINGLY, B. A.; McINTYRE, K. P.; LEWANDOWSKI, G. W. Jr. **Interpersonal relationships and the self-concept**. Cham: Springer, 2020.

MAURANO, E. **Amor de transferência: o que resta no final da análise**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 35, n. 1, p. 13–23, 2006. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0102-73952019000100004>. Acesso em:

30 out. 2025.

MALDONADO, Daniela Paula do Amaral; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. **O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 3, p. 353-362, 2005.

MELO, A. G.; PEDERIVA, R. **Violência contra a mulher: a permanência da mulher na relação violenta após a denúncia e a retirada da queixa**. Unoesc & Ciência – ACBS, v. 7, n. 2, p. 221–228, 2016.

MEURER, B. **Problematizando as práticas psicológicas no modo de produção do sujeito**. Psicologia & Sociedade, v. 24, n. 3, p. 505–514, 2012.

MIRANDA, Olívia Barbosa; FAVERET, Bianca Maria Sanches. **Compulsão à repetição e adicção. Psicanálise & Barroco em Revista**, v. 9, n. 2, p. 147-160, 2011. Disponível em: <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/8733>. Acesso em: 30 mar. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. Disponível em: <https://books.scielo.org>. Acesso em: 3 nov. 2025.

MOURA, W. M. **O analista-matrici(a)dor: contribuições da clínica psicanalítica para o cuidado em saúde na Atenção Básica**. 2024. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2024.

MORETTO, Maria Livia Tourinho. **Abordagem psicanalítica do sofrimento nas instituições de saúde**. São Paulo: Zagodoni, 2019. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/8bf8b5d3-d113-4f42-bd8bd8723b06d6e2/2975986.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2026.

MORETTO, Maria Livia Tourinho. **A importância da escuta do sofrimento na formação e nas práticas de cuidado em saúde**. Revista Espaço Pedagógico, Passo Fundo, v. 30, e15531, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rep.v30.15531>. Acesso em: 10 mar. 2026.

NARVAZ, Martha G.. **Masochismo feminino e violência doméstica: reflexões para a clínica e para o ensino de Psicologia**. Psicol. Ensino & Form., Brasília, v. 1, n. 2, p. 47-59, 2010.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. Psicologia & Sociedade, v. 18, n. 1, p. 49-55, 2006.

NASCIMENTO, S. V. A.; FARIA, S. P.; ALMEIDA, H. B.; FERREIRA, L. O. **A perspectiva psicanalítica no manejo clínico com pacientes fronteiriços**. Revista de Referências em Saúde, v. 3, n. 2, p. 137–146, 2020.

NASIO, Juan-David. **Os grandes conceitos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar,

2013.

NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais**. 4. ed. São Paulo: Benvira, 2005.

OLIVEIRA, Ademir Júnior Muniz de; ARAÚJO, Ediandra Santos; FERREIRA, Lorena de Oliveira; NASCIMENTO, Marcio de Jesus Lima do. **Entre o medo e a esperança: fatores psicológicos, econômicos e sociais que contribuem para a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 3873–3884, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i4.18805. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18805>. Acesso em: 10 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Violence against women: prevalence estimates 2021**. Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 20 set. 2025.

PEREIRA, Daniely Cristina de Souza; CAMARGO, Vanessa Silva; AOYAMA, Patrícia Cristina Novaki. **Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos**. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 20, n. 2, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>. Acesso em: 20 set. 2025.

PEREIRA, M. G.; FERREIRA, G.; PAREDES, A. C. **Apego aos pais, relações românticas, estilo de vida, saúde física e mental**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 26, n. 4, p. 762–771, 2013.

PEREZ, Marina; DURANTE, Maria Cristina. **O papel da Atenção Primária no combate à violência à mulher em um cenário pós-pandêmico**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 12, n. 1, p. 1-11, 2026. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/23590>. Acesso em: 15 mai. 2026.

PEREIRA MUNIZ, Luana Silva. **Relacionamento amoroso abusivo: no contexto e na ótica da mulher enquanto vítima**. 2021. Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, 2021. Disponível em: <https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/PSICOLOGIA/P1511.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

POLI, Maria Cristina. A Medusa e o gozo: **uma leitura da diferença sexual em Psicanálise**. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 279-294, jul./dez. 2007.

RAVANELLO, Tatiana. **Um estudo do amor na teoria freudiana**. Psicologia Clínica, v. 25, n. 2, p. 45–56, 2013. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-62952013000200010>. Acesso em: 30 out. 2025.

REIS, F. S.; ALMEIDA, G. F. **As relações líquidas contemporâneas em Bauman e Frankl: uma discussão sobre modernidade e falta de sentido**. Revista Científica Semana Acadêmica, Fortaleza, 2018. Disponível em:

https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_rev.pdf. Acesso em: 22 set. 2025.

ROCHA, Máira et al. **Violência intrafamiliar na infância: efeitos psicológicos**. Diaphora, v. 13, n. 1, p. 52–57, 2024.

ROSA, Miriam Debieux. **Sofrimento sociopolítico, silenciamento e a clínica psicanalítica**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 42, e242179, p. 1-10, 2022.

RODRIGUES, C. B. **Relacionamentos abusivos: uma análise psicanalítica**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 26, n. 2, p. 123–135, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpfa/XgLCZZYMg9jRV9HZBPVNncg/>. Acesso em: 21 out. 2025.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. No fio da navalha. In: MADEIRA, F. R. (org.). **Quem mandou nascer mulher?** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 137–211.

SAFFIOTI, H. I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, C. M. Violência doméstica: desafios para a saúde pública. Cadernos de Saúde Pública, v. 19, n. 1, p. 7–20, 2003.

SANTOS, J. P.; OLIVEIRA, M. A. **Dependência emocional e manutenção de relacionamentos abusivos: uma revisão teórica e implicações para o cuidado psicológico**. Revista de Estudos sobre Violência e Relações Interpessoais, v. 10, n. 2, p. 45–62, 2021.

SANTOS, Manoel Antônio dos. **A transferência na clínica psicanalítica: a abordagem freudiana**. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 13-27, 1994. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000893910>. Acesso em: 5 out. 2025.

SANTOS, Maria Liliane Gomes dos. **Os sintomas e hematomas do amor**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013. Disponível em: <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/2007>. Acesso em: 20 set. 2025.

SILVA, Paula Roberta Oliveira et al. **Os possíveis impactos psicossociais na mulher diante da violência doméstica**. Research, Society and Development, v. 11, n. 10, e241111032666, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32666>. Acesso em: 10 set. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SMEHA, Luciane Najjar; OLIVEIRA, Micheli Viera de. **Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens**. Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 33-45, ago. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872013000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 out. 2025

SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L.; COUTO, M. T. **Violência dói e não é direito**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

SENADO FEDERAL. **Violência doméstica e familiar contra a mulher – Mato Grosso**. Brasília: Instituto Data Senado, 2024. Disponível em: https://www.senado.leg.br/institucional/datasenado/relatorio_online/pesquisa_violencia_domestica/2024/assets/PDF/matogrosso.pdf. Acesso em: 20 set. 2025.

SILVA, Daniele da; COELHO, Renata Limongi França. **Violência contra as mulheres nos relacionamentos conjugais**. Humanidades & Tecnologia em Revista, v. 20, p. 328–338, 2020.

SILVA, L. M. P. Violência e saúde: **implicações do atendimento**. Saúde em Debate, v. 27, n. 64, p. 65–75, 2003.

SOARES, Laís de Sousa Abreu; TEIXEIRA, Evandro Camargos. **Dependência econômica e violência doméstica conjugal no Brasil**. Planejamento e Políticas Públicas, n. 61, p. 263–283, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3aXhsnu>. Acesso em: 1 nov. 2025.

SOUZA, Nívia e COSTA, Karine. **Fatores que levam as mulheres a permanecerem em relacionamentos abusivos: entendendo subjetividades subjugadas**. Faculdade Ciências da Vida, 2019.

SOUZA, William Ferreira de; LORDELLO, Silvia Renata Magalhães; MURTA, Sheila Giardini. **Eu quero um amor: violência no namoro e medida socioeducativa**. Revista Polis e Psique, v. 12, n. 2, p. 211-238, 2022. DOI: 10.22456/2238-152X.112387.

TEODORO, Elizabeth Fátima; CHAVES, Wilson Camilo; SANTOS, Greiciele Andrade Carvalho dos. **Nas trilhas da dependência amorosa**. Revista Subjetividades, v. 21, n. 1, 2021. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e9842>. Acesso em: 30 out. 2025.

TESCHE, Viviane Rascovetzki; WEINMANN, Amadeu Oliveira. **Reflexões sobre o enredamento feminino em relacionamentos abusivos**. Caderno Espaço Feminino, v. 31, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/>. Acesso em: 6 ago. 2025

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: homicídios de mulheres no Brasil**. Brasília: FLACSO, 2015.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

ZIMERMAN, David E. **Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

